

Dr. Robert A. Peterson, Revelação e Escritura, Sessão 4, Conhecendo Deus e Fontes de Teologia

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Revelação e Escritura Sagrada. Esta é a sessão 4, Conhecendo Deus e as Fontes da Teologia.

Continuamos nossos estudos nas doutrinas da Revelação, Deus se fazendo conhecido e, especialmente, a doutrina da Escritura, que é a maior parte do nosso curso.

Por favor, junte-se a mim em oração. Pai, agradecemos por se fazer conhecido a nós em sua criação, na consciência humana, na história e, então, em revelação especial na encarnação de seu Filho e, mais especialmente, em sua palavra. Encoraje-nos, corrija-nos e guie-nos em seu caminho eterno; oramos por Jesus Cristo, o mediador da nova aliança. Amém.

Conhecendo Deus e nossas fontes em teologia. Às vezes, o conceito da Reforma de sola scriptura é mal compreendido.

A Reforma adotou sola scriptura, sola gratia, a graça somente nos salva, não a graça em qualquer coisa que possamos fazer. Sola fidei significa fé somente, não fé mais obras. Todas as obras são importantes, mas são a evidência e a prova da fé.

Eles não são adicionados à fé para nos tornar aceitáveis a Deus. Sola scriptura, sola gratia, sola fidei, Solus Christus, somente Cristo é o Salvador do mundo; é preciso crer nele para ser salvo. Sola Deo Gloria, somente a Deus pertence a glória.

Sola scriptura às vezes é mal interpretada como significando que a Bíblia é a única fonte que usamos para nossa teologia. Não é verdade. Certamente usamos a razão ao estudar a Bíblia e, quer percebamos ou não, somos influenciados por nossa experiência, para o bem ou para o mal, e permanecemos em uma certa tradição como fazemos teologia, mas então sola scriptura não significa que a Bíblia é nossa única fonte.

Isso significa que a Bíblia sozinha é nossa principal fonte, e ela julga as outras fontes. A maneira como eu gosto de dizer isso é que nosso objetivo é exaltar deliberada e consistentemente as escrituras acima da nossa razão, nossa tradição e nossa experiência. A história bíblica e uma cosmovisão cristã nos compelem a crescer em nossa teologia, como vimos, e esclarecer como a entendemos e a fazemos.

Mas que fontes temos que nos ajudam a desenvolver nossa teologia? Ao estudar teologia, aprendemos de quatro fontes: escritura, tradição, razão e experiência. Quero trabalhar com essas quatro e nos fazer pensar sobre elas e seu lugar enquanto

estudamos os ensinamentos da Bíblia, isto é, teologia. Escritura, como é óbvio pelo que delineamos acima da história bíblica, a escritura é a principal fonte de toda teologia.

Como veremos mais tarde, a escritura é unicamente inspirada por Deus, é a Palavra de Deus, portanto, e é uma autoridade suprema para toda fé e prática. Quando falamos sobre autoridade na religião, queremos dizer aquilo que tem o direito de ensinar a verdade e comandar nossa obediência. E dizemos que a escritura é a mais alta autoridade para fé e prática, para teologia e ética.

Todas as outras fontes estão sob as escrituras. É exatamente isso que significa sola scriptura. Essas outras fontes são importantes, mas servem apenas para interpretar as escrituras e devem ser julgadas pelas escrituras, o mais alto padrão.

Esta é a doutrina da sola scriptura. Tradição. A tradição é importante porque nos mostra o que outros cristãos disseram sobre tópicos perenes.

Nós não inventamos teologia por nós mesmos. Você diz, bem, espere um minuto. Não, somos só eu, o Espírito Santo e a Bíblia.

Você acertou. Você tem que se incluir nesse processo. Você não pode alegar que é só o Espírito Santo e a Bíblia.

Não, você é um sujeito humano. Você está envolvido no estudo da Bíblia. Então sua razão está envolvida, quer você admita ou goste ou não.

Não existe teologia pura, exceto quando um ser humano a estuda. Quão melhor do que ter as visões de outros seres humanos, especialmente aqueles que nos precederam? Não somos os primeiros a pegar a Bíblia e estudá-la.

Outros já foram antes e têm muito insight para nós. A tradição transmite uma interpretação histórica das escrituras. Ela se relaciona com os ensinamentos da igreja, especialmente em credos e confissões e assim por diante, corrige ensinamentos falsos e oferece perspectivas históricas sobre questões doutrinárias.

Não consigo imaginar tentar inventar a doutrina da Trindade. Que convite para acabar em um culto. Não consigo nem começar a imaginar estudar a Ceia do Senhor sem os pontos de vista católico romano, luterano, reformado e simbólico.

Eu nem consigo entender porque esses são pontos de vista históricos que precisamos entender enquanto trabalhamos em direção ao nosso próprio entendimento da Ceia do Senhor. Razão. A razão é importante porque nos ajuda a refletir sobre a revelação.

A razão esclarece conceitos, perguntas, relacionamentos e argumentos. Conhecer Deus está além de nossas habilidades e requer fé, bem como todas as nossas faculdades mentais. Precisamos pensar muito e claramente, rejeitar falsas dicotomias, ver verdades em relacionamentos e analisar sistemas.

A razão é a chave para essas tarefas. Não há aquisição de teologia à parte de uma mente humana, à parte da razão. Experiência.

Temos menos probabilidade de fazer isso e somos meio que muitos de nós fomos treinados para suspeitar da experiência. A experiência também é importante para nós. Nossa teologia não apenas molda quem somos, mas é moldada por quem somos.

À medida que fazemos teologia como pessoas inteiras que percebem através das lentes de nossas experiências de fé particulares, contextos de igreja, origens familiares, etnias, culturas, gêneros e situações de vida, a experiência desempenha um papel em nos ajudar a interpretar as escrituras. Não podemos nos remover de um contexto cultural e sermos sem cultura. É impossível.

É simplesmente impossível. Fomos criados acreditando em Deus ou questionando Deus ou não acreditando em Deus. E isso é parte da nossa experiência e certamente afeta como entendemos Deus e a Bíblia.

Tradição, razão e experiência são fontes boas e significativas. Elas são boas guias e professoras, mas não infalíveis. A tradição pode errar.

Veja Gálatas 1:6 a 9. Gálatas 2:11 a 21. A razão pode esquecer o mistério e a submissão a Deus. Veja 2 Coríntios 11:3. A experiência pode ser deixada sem controle.

Veja Judas versículos 3 e 4. Cada um deve ser valorizado e cada um deve ser usado para nos ajudar a interpretar as escrituras. Mas cada um deve sempre ser julgado pelas escrituras cuja autoridade vem de Deus, não da igreja, razão ou experiência. A igreja está sob a palavra, confiando em suas afirmações, abraçando seus julgamentos e obedecendo a seus comandos.

Então, há quatro fontes de teologia. Tradições diferentes têm olhado para isso de maneiras diferentes. Tradicionalmente, e o Vaticano II realmente não mudou isso. O catolicismo romano valoriza as escrituras sagradas e a tradição sagrada.

Eles alegam manter ambos em equilíbrio, mas para os protestantes evangélicos, parece que a tradição sagrada, às vezes supera as escrituras sagradas. Como no ensino, digamos, do purgatório, que não é um ensino bíblico, mas é um ensino tradicional da igreja, e esse seria um lugar onde a tradição é mais

importante na teologia católica romana do que as escrituras. O texto de prova tradicional das escrituras para o purgatório não é um bom texto de prova.

Eles não são bons textos de prova, e alguns exegetas católicos romanos admitem isso hoje. A tradição wesleyana mantém o quadrilátero wesleyano, que busca equilibrar escritura, tradição, razão e experiência. Admito que usamos todos os quatro, mas sou a favor de admitir que usamos todos os quatro, mas então, deliberada e consistentemente, subordinando nossos pensamentos, nossa tradição e nossa experiência às escrituras sagradas.

Então, não é suficiente dizer que eu sei que é válido porque eu fiz isso; eu experimentei isso. Não, deve corresponder à palavra de Deus, ou Calvino diz isso; portanto, tem que ser verdade. Não, nós avaliamos cada professor humano, incluindo Calvino, Lutero e Wesley, à palavra de Deus, e novamente, somos racionais ao usar a terminologia de Francis Schaeffer, mas não racionalistas.

O racionalismo, nesse sentido, eleva a razão sobre o todo, sobre as escrituras e é responsável por descartar o que o pensador considera não se encaixar com a razão do pensador, mas certamente, somos racionais. Usamos nossas mentes, não podemos evitar. Deus nos deu mentes, lemos a Bíblia, pensamos sobre isso, tiramos conclusões.

A tradição, portanto, tem um papel importante em nossa elaboração de conclusões porque comparamos nossas conclusões com aquelas dos pais da igreja e dos reformadores, dos protestantes ortodoxos e dos teólogos modernos que compartilham uma visão elevada das escrituras conosco. Certamente, podemos aprender com eles, então a tradição tem um lugar, e a ignoramos para nosso próprio risco. Se ignorarmos a tradição completamente, provavelmente estamos nos consignando a repetir os erros e enganos da história.

A experiência não pode desempenhar um papel muito grande? Certamente pode, mas, mais uma vez, reconhecendo nossa experiência e como nossas histórias de vida, como fomos criados, nossa vida e experiência na igreja, nossos amigos e outros, como essas coisas influenciaram nossas vidas e nosso pensamento junto com isso, devemos conscientemente e de forma contínua subordinar nossa experiência, nossa tradição e nossa razão à palavra de Deus. Não gosto desse ensinamento; não gosto do pecado original, alguns dirão. Quer dizer, Adão nos colocou em apuros; isso não é justo.

Bem, há duas questões separadas aqui. Se a Bíblia ensina que o pecado original de Adão influencia os seres humanos da maneira que a teologia tradicional disse que faz, então, quer você goste, nós gostemos ou não, nós subordinamos nossa razão e nossos sentimentos, nossas emoções à palavra de Deus e digamos que Gênesis 3 dá a ocasião, o Antigo Testamento mostra os efeitos, Paulo em Romanos 5:12 a 21 dá

uma exposição mostrando como o pecado de um homem trouxe morte e condenação ao mundo dos seres humanos. Então, sola scriptura não significa que a Bíblia sozinha é nossa autoridade. Significa que é nossa autoridade máxima julgando outras autoridades válidas que todos nós usamos.

É melhor reconhecermos isso e então coroarmos deliberadamente as escrituras com o lugar certo, que é o primeiro lugar. Que tal conhecer Deus e nosso método teológico, nosso processo em teologia? O processo de estudar teologia é chamado de método teológico. À medida que estudamos, desejamos seguir um método teológico sólido.

As alternativas são um método insustentável ou realmente estudá-lo sem perceber que estamos seguindo um método. Invariavelmente, estamos seguindo um método ou métodos. Quão melhor é pensar sobre eles? Há o lugar da razão novamente e avaliá-los como fazemos com a teologia. O método ou processo teológico em teologia envolve exegese bíblica, teologia bíblica, teologia histórica, várias disciplinas, teologia sistemática e, então, teologia prática.

Na verdade, começamos com uma pequena introdução antes de chegarmos à exegese. Embora haja uma ordem básica para esses elementos, cada um está inevitavelmente entrelaçado com os outros e não deve ser conduzido isoladamente deles. O processo de desenvolvimento de nossa teologia inclui uma preocupação com cada um, e trabalhamos em cada uma dessas abordagens, mas não na sequência de um problema de matemática.

Assim como os membros de uma orquestra, cada uma dessas áreas tem um papel a desempenhar na formação de nossa teologia. A exegese bíblica lida com a interpretação de várias passagens da Bíblia. A teologia bíblica traça a história da Bíblia e seu enredo conforme seguimos a criação, queda, redenção e consumação.

A teologia histórica não segue essas duas da mesma forma que a teologia bíblica segue a exegese. Ela se preocupa com o pensamento do passado, a maneira como a igreja entendeu a Bíblia e seus ensinamentos ao longo dos séculos. Então, ela não está em uma linha reta para a exegese e a teologia bíblica, mas vem de um ângulo, mas certamente deve ser levada em conta para nos dar perspectiva, para nos ajudar a aprender com boas conclusões do passado e para nos ajudar a evitar repetir erros do passado.

Outras disciplinas estão envolvidas, as quais mencionaremos à medida que avançarmos aqui. A teologia sistemática, então, é uma tentativa humana de reunir as descobertas da exegese, da teologia bíblica e da teologia histórica em um todo coerente, colocando os ensinamentos em relação uns com os outros enquanto buscamos entender a forma dos ensinamentos da Bíblia como um todo. Então,

podemos dizer que a escritura ensina que o filho eterno se tornou um ser humano em sua encarnação e é doravante Deus e homem em uma pessoa.

Então, da sistemática, é claro, a teologia prática deve ser aplicada em muitas áreas. Pregação, ensino, aconselhamento e missões vêm à mente imediatamente. Porque todos nós estudamos a Bíblia com crenças previamente existentes, até mesmo não desenvolvidas, incluindo as teológicas, é bom submeter nosso método de estudo dos ensinamentos da Bíblia a exame.

Isso levou alguns céticos a considerar todas as interpretações como irremediavelmente circulares, como se nossas crenças atuais controlassem completamente nosso estudo. Concordamos que todas as interpretações e teologias são feitas por intérpretes, pessoas que leem textos bíblicos com, e às vezes em direção a, uma teologia já existente. Nenhum de nós chega às passagens com uma lousa limpa, com uma mente que é uma tabula rasa, uma lousa em branco.

Para nossa leitura da Bíblia e nossa teologia, todos nós trazemos perspectivas sobre Deus, nós mesmos, a Bíblia, Jesus, salvação, a igreja, história, o significado da vida e como as coisas funcionam. Essas perspectivas podem nos oferecer muito insight como pontos de vista dos quais entender a teologia. Por exemplo, cristãos sob perseguição frequentemente verão mais claramente e integrarão mais completamente os temas bíblicos da presença de Deus com seu povo, a vitória final de Deus sobre o mal e a justiça de Deus que prevalece.

Nossas provações frequentemente melhoram nossa teologia. À medida que ela é testada por lutas em nossas viagens, nossa teologia amadurece. A menção de pessoas perseguidas me lembra de um professor de missões que foi meu colega.

O nome dele era Nelson Jennings, e ele me ensinou muitas coisas, uma delas é que para interpretar a Bíblia corretamente, precisamos de toda a igreja. Ou seja, cristãos vivendo sob perseguição podem ajudar aqueles que não estão vivendo sob perseguição a entender melhor as passagens da Bíblia que abordam a perseguição. Faz muito sentido.

Deve nos humilhar e nos impedir de dizer apenas coisas simplistas e superficiais sobre perseguição sem respeitar aqueles que estão tentando entender essas passagens no meio dela. Para obter o ensinamento da Bíblia, precisamos entender o ensinamento de toda a igreja. Isso significa que, contemporaneamente a nós mesmos, entender o ensinamento de toda a igreja historicamente é uma questão de teologia histórica ou história da doutrina.

Mas se permitirmos que nossas perspectivas se tornem nossas chaves interpretativas, erros seguirão. Alguns interpretam as escrituras de perspectivas

diferentes daquelas moldadas pela história bíblica e pela cosmovisão. Isso é falho desde o começo.

Essas abordagens críticas de outsiders à interpretação são frequentemente imperialistas e pretendem criticar textos bíblicos de sua teologia presumida ou conformar esses textos a essa ideologia, de sua ideologia presumida. Interpretar um texto de sua ideologia presumida ou fazer um texto conformar-se a suas ideologias. Isso é o oposto da abordagem do Salmo 119 de ler as escrituras como ouvintes humildes, como vimos, que recebem a instrução de Deus, como buscadores diligentes buscando o Senhor em seus mandamentos com todo o nosso coração, como servos fiéis que aceitam sua autoridade, seguem sua vontade e atendem a seu conselho, como viajantes testados que enfrentam oposição como peregrinos em um mundo hostil e precisam desesperadamente de sabedoria da palavra, como o povo de Deus em comunidade, encontrando encorajamento uns dos outros, caminhando nos caminhos de Deus juntos e como adoradores alegres que declaram que seus estatutos são o tema da minha canção.

Salmo 119, versículo 54. Permitir que nossas perspectivas sirvam como chaves interpretativas também leva a outro erro potencial. Igualar presunçosamente nossa interpretação da palavra de Deus com a própria palavra de Deus.

Nós mesmos ainda somos obras em andamento. E isso significa que nossa teologia está sempre em construção. Ela é fundamentada no que atualmente sabemos da palavra de Deus e está sempre sendo reformada.

De acordo com a palavra de Deus, já mencionamos *sola gratia, sola fidei, solus Christus, sola gloria deo*, toda glória a Deus. Começamos com *sola scriptura*. Adicionamos um slogan de reforma posterior, se preferir.

Semper reformanda, sempre reformando. Nesse sentido, nossa teologia nunca é fixa em todos os seus detalhes. Oh, as fundações são lançadas, e as doutrinas católicas, isto é, universais e históricas, são acordadas.

Mas nem toda interpretação de cada versículo é aceita. E certamente podemos aprender nova luz da palavra de Deus. Nossa teologia é fundamentada no que atualmente sabemos da palavra de Deus e está sempre sendo reformada.

Semper reformanda, segundo a palavra de Deus, que assim seja. Então, trazemos a nós mesmos e nossas visões para nossa interpretação bíblica, mas isso não leva ao ceticismo. Nosso ponto de partida molda nosso caminho, mas não precisa, em última análise, ditar nosso destino.

Uma abordagem melhor é reconhecer e discernir nossas suposições teológicas já existentes, orar pela iluminação do espírito, aprender com a sabedoria da igreja e

confiar nas escrituras como a autoridade suprema sobre a tradição, a razão e a experiência, incluindo nossas perspectivas iniciais. Se seguirmos essa abordagem, há um sentido muito real em que toda vez que estudamos a Bíblia, nossas lentes teológicas interpretativas podem ser ajustadas, mesmo que ligeiramente. Com tempo suficiente, isso pode levar a perspectivas teológicas aprimoradas e maior precisão interpretativa, o que pode levar a perspectivas teológicas ainda melhores e interpretações cada vez mais desenvolvidas e sólidas.

Assim, a suposição de um círculo hermenêutico, um círculo vicioso sem fim, sem começo e sem melhora, é desnecessária. Um círculo hermenêutico vicioso leva à confusão, ao subjetivismo e à incerteza. Em uma abordagem sólida para a interpretação bíblica da teologia, há uma espiral hermenêutica, uma referência ao livro de Grant Osborne com esse mesmo nome.

Mesmo em uma espiral teológica ou em nossa metáfora sinfônica, não importa quão desafinados nossos instrumentos estejam, podemos afiná-los de acordo com um padrão. Tal afinação pode levar um tempo, mas pode acontecer. Da mesma forma, à medida que abraçamos Deus e sua autorrevelação nas escrituras como o padrão, reconhecemos cada vez mais nossas próprias suposições e preconceitos, lemos consistentemente e estudamos cuidadosamente a palavra de Deus e ouvimos a sabedoria da igreja, nossa teologia amadurece, espiralando gradualmente em direção à verdade.

Vamos considerar uma voz da história da igreja, a de William Tyndale. Tyndale, não sabemos suas datas exatas, mas ele nasceu por volta de 1494 e foi martirizado por volta de 1536. Ele foi um estudioso inglês e figura-chave da Reforma que traduziu a Bíblia do hebraico e do grego para o inglês.

Ele disse a famosa frase, entre aspas, entre aspas, farei com que um garoto que conduz o arado saiba mais sobre as escrituras, sobre as escrituras do que o Papa, entre aspas. Em 1536, ele foi condenado por traduzir a Bíblia para o inglês e executado. A Bíblia de Tyndale desempenhou um papel importante na disseminação das ideias da Reforma na Inglaterra.

E influenciou significativamente a Bíblia King James de 1611. O motivo de Tyndale em traduzir o Novo Testamento para exegese, qual é? Citação, porque eu tinha percebido por experiência como era impossível estabelecer os leigos em qualquer verdade, exceto que as escrituras fossem claramente colocadas diante de seus olhos em sua língua materna, para que pudessem ver o processo, a ordem e o significado do texto. Portanto, ele foi movido a traduzir a Bíblia para o inglês, mesmo que isso custasse sua vida, porque Roma não queria que as pessoas tivessem acesso à Bíblia em suas línguas maternas.

A base de toda boa teologia é entender o significado das passagens bíblicas, começando com a intenção do autor bíblico através do texto. Existem muitas ferramentas úteis que podem nos ajudar a entender o significado de tais passagens, incluindo boas Bíblias de estudo, dicionários bíblicos e comentários. Algumas dessas ferramentas incluem ESV, Systematic Theology Study Bible, NIV Zondervan Study Bible, um dicionário conciso de termos teológicos e assim por diante.

Ao estudar uma passagem, devemos observar o gênero literário específico, narrativa, provérbio, parábola, evangelho, carta, etc., e considerar estratégias literárias apropriadas para esse gênero. O contexto literário também é crítico, pois a colocação de qualquer passagem nos auxilia a interpretar o que um autor bíblico quer dizer. O significado de uma palavra frequentemente emerge por meio do estudo dela em suas frases, cláusulas e sentenças circundantes.

O significado de uma frase aparece em seus parágrafos ou cenas, e o significado de uma cena aparece nos episódios, seções ou livro geral ao redor. O cenário histórico também é formativo porque conhecer a ocasião do texto, os destinatários, o autor e o contexto da igreja promove uma boa interpretação. Aqui, também, erros devem ser evitados.

Mencionaremos dois deles relacionados à exegese teológica. Primeiro, às vezes os leitores estão tão focados em encontrar um tema ou doutrina em particular que podem ler em uma passagem o que não está lá. A chave para se proteger contra essa tentação é ler as passagens primeiro pelo que elas pretendem comunicar e só então considerar como a doutrina de alguém se relaciona com essas passagens.

Segundo, os leitores podem erroneamente dar atenção apenas a passagens nas quais o autor explicitamente instrui sobre uma questão teológica. Lembre-se de que os autores bíblicos escrevem a partir de convicções teológicas e com intenções teológicas, e embora doutrinas particulares nem sempre sejam o objetivo principal de uma determinada passagem, os escritores estão ensinando teologia para que o povo de Deus possa seguir a Deus apropriadamente, mesmo que a ênfase seja ética e a teologia seja uma subestrutura da ética. Então, antes de tudo, a boa teologia é fundamentada na exegese bíblica.

Também devemos evitar o conceito de falácia, que diz que certas palavras devem estar presentes para que haja uma doutrina específica. Então, Paulo deve usar a palavra igreja ou ecclesia para ensinar sobre a doutrina da igreja. Isso é claramente uma falácia porque ele ensina sobre a igreja sem usar a palavra igreja às vezes.

Por exemplo, ele fala sobre a igreja quando ensina que o povo de Deus é, de fato, a igreja é o povo de Deus. Passagens sobre o povo de Deus sem usar a palavra igreja são relevantes para a doutrina da igreja. E o Filho de Deus amou a igreja e se entregou por ela.

Há um uso da palavra igreja, mas ele também é o bom pastor que ama suas ovelhas e tem ovelhas, outras ovelhas que ele deve trazer para o aprisco, e assim por diante. Não há menção de uma igreja em João 10, até onde sei, mas há ensino relevante para a doutrina da igreja sem a palavra da igreja. A igreja é o templo do Espírito Santo.

Novamente, você não precisa da palavra igreja para ter esse conceito. Alguém pode dizer ao longo dessas mesmas linhas, cometendo a falácia do conceito de palavra, que o Evangelho de João não menciona eleição ou predestinação de forma alguma. Ele nunca usa a palavra eleito, eleição, predestinado ou predestinação.

Isso é verdade. Ele não usa essas palavras, mas isso não significa que o conceito não esteja presente. E João usa três temas que retratam a doutrina da eleição ou predestinação.

O Pai dá pessoas ao Filho . Em João 17, lemos esse conceito quatro vezes, e certamente tem a ver com a eleição divina. De modo único em todas as escrituras, somente João 15, versículos 16 e 19, faz do Filho o autor da eleição.

Vocês não me escolheram. Eu os escolhi para que vocês pudessem ir e dar fruto, para que o fruto de vocês permanecesse. O mundo os odiará, porque eu os escolhi do mundo.

Isso não poderia ser considerado uma mera escolha para o discipulado, da maneira como João 6:66 fala, não vos escolhi eu, os 12, e um de vós é um diabo? É claro que a escolha de Jesus é ser um discípulo, não uma escolha para a salvação. Não, porque em João 15, a escolha é pertencer a Jesus e não mais pertencer ao mundo. A referência anterior de João 6 mostra que as pessoas foram escolhidas por Jesus, mas elas ainda pertencem ao mundo.

Um de vocês, referindo-se a Judas, é um demônio. Mas aqui em João 15, a escolha de Jesus é uma escolha para a salvação porque os escolhidos pertencem a ele e não ao mundo. O Pai dá pessoas ao Filho, o Filho como o autor da eleição em João 15:16 e 19, e a identidade anterior ou antecedente do povo de Deus.

Geralmente, João diz, vocês não são salvos; vocês não são minhas ovelhas porque não acreditam no que Jesus poderia dizer. Em João 10, Jesus inverte e diz, vocês não acreditam porque não são minhas ovelhas. Conforme lemos o evangelho de João, minhas ovelhas ouvem minha voz.

Jesus diz no mesmo capítulo 10, eles me seguem, eu lhes dou a vida eterna, eles nunca perecerão. Há ovelhas, e eu as chamarei de cabras antes que elas creiam ou

não creiam. Eu direi isso de novo: isso não anula o fato de que crer é como alguém é salvo.

No entanto, há também essa ideia menos numerosa de que as pessoas são ovelhas ou cabras antes de crerem, e sua crença ou não crença revela sua identidade antecedente ou anterior como ovelhas ou cabras. Então, o próprio evangelho de João mostra a falácia de dizer que é preciso ter uma palavra ou palavras específicas para ensinar uma doutrina específica porque João não tem eleição e eleito, predestinação e predestinado. Mas, no entanto, com essas três imagens, o Pai dando isso às pessoas ao Filho, o Filho sendo o autor da eleição e a identidade antecedente do povo de Deus, há passagens que pertencem à doutrina da eleição.

Se você quiser ver mais sobre isso, DA Carson, é um livro grande, *Divine Sovereignty and Human Responsibility, Biblical Perspectives in Tension*. Então, antes de tudo, uma boa teologia é baseada na exegese bíblica. Na teologia bíblica, em última análise, o contexto de cada passagem bíblica não é apenas seu livro em particular, mas também o cânon inteiro, que coloca os textos bíblicos no plano de Deus em desenvolvimento que se move da criação e da queda para a redenção e a nova criação.

Este enredo bíblico enquadra, ordena e conecta as doutrinas. Além disso, ele culmina na pessoa e obra de Cristo, que distingue o que vem antes e depois dos evangelhos, Hebreus 1, 1 a 4. É sensato, portanto, que localizemos passagens dentro do enredo bíblico e também as relacionemos a outras passagens sobre o assunto. Buscamos como a história da Bíblia se desenvolve por meio das alianças bíblicas no Antigo Testamento, particularmente na lei, profetas e escritos, bem como no Novo Testamento, no alvorecer da nova aliança, particularmente nos Evangelhos, Atos, Epístolas e Apocalipse.

Nossa atenção deve ser dada não apenas às doutrinas específicas que estamos estudando, mas também aos temas centrais de cada livro da Bíblia e aos temas centrais em toda a Bíblia: aliança, reino, expiação, glória, amor, santidade, etc. Isso nos permitirá ver as conexões da doutrina que está sendo estudada com esses e outros temas principais, o que nos permitirá entender e sintetizar a doutrina em seus relacionamentos em proporção e em luz à luz de Cristo. Assim, a boa teologia é fundamentada na exegese bíblica e enraizada na teologia bíblica.

Então, se você me perguntasse se eu acredito no livre-arbítrio? Minha resposta seria sim, mas depende do que você está falando na história bíblica. Porque há uma diferença entre o livre-arbítrio de Adão e Eva antes da queda e depois da queda. Há uma diferença entre a liberdade da vontade para pessoas não salvas e pessoas salvas.

E certamente há uma diferença entre a liberdade da vontade entre pessoas salvas agora e pessoas salvas nos novos céus e nova terra. Sempre teremos liberdade de escolha. Mas a verdadeira liberdade é mais do que liberdade de escolha.

A verdadeira liberdade é conhecer, amar e servir a Deus. Adão e Eva tinham ambos antes da queda. Liberdade de escolha é uma companheira constante para a humanidade e também a verdadeira liberdade.

Eles conheciam, amavam e serviam a Deus. É misterioso o motivo pelo qual eles caíram, mas eles caíram. Eles, é claro, mantiveram a liberdade de escolha, que os seres humanos sempre têm, mas perderam a liberdade moral e a capacidade de amar, servir e conhecer a Deus à parte de sua graça salvadora.

Quando as pessoas são salvas, elas, é claro, têm liberdade de escolha. Nós sempre a temos. Mas elas recuperam uma medida real de liberdade moral ou a habilidade de amar, servir e honrar a Deus e obedecer a Deus.

No entanto, não perfeitamente nesta vida. Somente no eschaton, somente nos novos céus e nova terra após sermos ressuscitados dos mortos, teremos a liberdade inalienável de escolha, mas também a verdadeira liberdade em seu sentido mais pleno, onde seremos incapazes de desonrar a Deus, desobedecê-lo ou não acreditar nele. Assim, o epítome da liberdade não é a capacidade de escolher opostos, mas é conhecer, amar e servir a Deus.

Então aqui está um exemplo em que a teologia bíblica, considerando a liberdade da vontade e a livre escolha na criação, na queda, em Cristo e na última coisa, nos novos céus e nova terra, influencia muito nossa compreensão desse conceito de liberdade da vontade. Teologia histórica. Nossa tendência pode ser ler a Bíblia individualisticamente, lendo-a em particular para aprender sobre Deus e como segui-lo melhor pessoalmente.

Embora isso seja bom, também devemos considerar a centralidade da igreja e da história da igreja para o processo interpretativo. A igreja tem sido a intérprete histórica das escrituras. Embora os ensinamentos e credos históricos da igreja não sejam autoritativos sobre os crentes da mesma forma que as escrituras sozinhas, o mesmo ocorre com scriptura.

Abordagens modernas e pós-modernas para interpretação às vezes destacaram o intérprete individual, comunidades modernas ou contemporâneas de leitores, pós-modernas, às custas dos ensinamentos históricos da igreja. Não somos os primeiros a ler a Bíblia, mas estamos na corrente do povo de Deus ao longo dos séculos e podemos aprender muito com a história da igreja, os principais pensadores da história da igreja, isto é, com a teologia histórica de, digamos, Atanásio, Agostinho, Tomás de Aquino, Martinho Lutero, João Calvino, John Owen, Jonathan Edwards,

John Wesley, apenas para citar alguns dos destaques. Devemos divergir da corrente histórica de pensamento da igreja com grande hesitação e somente quando teologicamente convencidos pelas escrituras sagradas e pela razão evidente.

Também devemos ler as escrituras no contexto da nossa comunidade eclesial atual, percebendo que as escrituras guiam nossa vida junto com outros crentes. Assim, uma boa teologia é feita por, com e para a igreja com respeito aos ensinamentos históricos da igreja e na vida em conjunto. A teologia sistemática é baseada em nosso trabalho em exegese bíblica, teologia bíblica e teologia histórica, e avançamos em direção a uma síntese teológica.

Buscamos incorporar temas bíblicos primários, abordar tópicos teológicos centrais e mostrar prioridades e inter-relações entre as doutrinas. Tal teologia é melhor organizada e comunicada à luz do enredo bíblico: criação, queda, redenção e nova criação. Também desejamos expressar nossa teologia de uma forma que seja contextual, clara e benéfica para os outros.

Quando consideramos o enredo, mais particularmente aplicado à sistemática, não é apenas criação, queda, redenção e nova criação, mas é Deus, revelação, criação, humanidade, queda, Israel, pessoa de Cristo, obra de Cristo, Espírito Santo, salvação, igreja e últimas coisas. Aplicação prática da teologia. O que dissemos é que nosso método histórico, nosso método teológico, desculpe-me, envolve exegese bíblica, teologia bíblica e teologia histórica, tudo levando à teologia sistemática.

Mas isso não é o fim. Teologia prática slash aplicação está envolvida. A teologia é incompleta até que seja vivida na igreja.

Deus usa a teologia para melhorar nossas crenças e a totalidade de nossas vidas. Consequentemente, buscamos aplicar verdades bíblicas à igreja contemporânea à luz de seu propósito original. Então, nossa abordagem ao amor, fé, oração, evangelismo, discipulado, comunhão, ministério, adoração, casamento, criação de filhos, amizade, hospitalidade, perdão, finanças, pregação, ensino, missões, planejamento da igreja e assim por diante flui de tais aplicações.

A teologia, portanto, chama cada um de nós e a igreja como um todo para formas aparentes de ser, amar, pensar, crer e seguir. A história bíblica é a nossa história. Na verdade, é a história de cada cristão.

Como povo de Deus, somos derivados dele, definidos por ele e somos extensões dele enquanto vivemos, amamos e servimos a Deus e aos outros para o bem deles e para sua glória. Em nossa próxima palestra, começaremos a considerar os detalhes da revelação de Deus.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Revelação e Escritura Sagrada.

Esta é a sessão 4, Conhecendo Deus e as Fontes da Teologia.